



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS PENITENCIEIROS DO VATICANO

*Sala do Consistório
Quinta-feira, 24 de outubro de 2024*

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs, Eminência, bom dia!

Saúdo o Padre Vincenzo Cosatti e todos vós. Estou feliz por me encontrar convosco por ocasião do 250º aniversário da atribuição do ministério das confissões na Basílica de São Pedro *aos Frades Menores Conventuais* (cf. Clemente XIV, *Motu proprio Miserator Dominus*, 10 de agosto de 1774). Foi Clemente XIV que o fez, talvez uma das coisas boas que fez. Mas, pobrezinho, as outras fê-las por inspiração desse vosso confrade, Bontempi, que julgo estar ainda no inferno [risos], mas não tenho a certeza. Quando Clemente XIV morreu, Bontempi foi refugiar-se na embaixada de Espanha, porque tinha medo. Passados alguns meses, quando foi restabelecida a paz, foi ter com o General e disse-lhe: “Padre Geral, trago aqui três Bulas. [Em troca peço] primeiro, que possa ter dinheiro – franciscano! –; segundo, que possa viver fora da comunidade; e terceiro, que possa viajar para onde eu quiser”. E o Geral, um sábio Conventual, pegou nas Bulas: “Mas, meu caro, falta uma” – “Qual, Padre?” “Aquela que assegure a salvação da tua alma!” Isto é histórico, pois ele tinha enganado o Papa Ganganelli com todas estas coisas. Bontempi era um espertalhão!

Todos os dias, a Basílica de São Pedro é visitada por mais de quarenta mil pessoas. Todos os dias! Muitas vêm de longe e enfrentam viagens, despesas e longas filas para conseguirem chegar; a maioria vem por turismo. Mas entre elas, são numerosas as que vêm para rezar junto do túmulo do Primeiro dos Apóstolos, para confirmar a sua fé e a sua comunhão com a Igreja e confiar importantes intenções ao Senhor ou para cumprir promessas que fizeram. Outras pessoas, mesmo de diferentes credos, entram nela “como turistas”, atraídas pela beleza, pela

história e pelo encanto da arte. Mas em todos, consciente ou inconscientemente, há uma grande busca: a busca de Deus, Beleza e Bem eterno, cujo desejo vive e pulsa no coração de cada homem e mulher que se encontra neste mundo. O desejo de Deus.

A vossa presença neste contexto é importante. Para os fiéis e os peregrinos, porque lhes permite encontrar o Senhor da misericórdia no Sacramento da Reconciliação. Caríssimos, perdoai tudo, tudo, tudo. Fazei-o sempre: perdoai tudo! Nós estamos para perdoar; um outro qualquer estará para discutir! E para todos os outros [também a vossa presença é importante], porque lhes testemunha que a Igreja os acolhe antes de mais como comunidade daqueles que foram salvos, perdoados, e que acreditam, esperam e amam à luz e com a força da ternura de Deus. Detenhamo-nos, pois, por um momento, a refletir sobre o ministério que desempenhais, sublinhando nele três aspetos particulares: *a humildade, a escuta e a misericórdia*.

Primeiro: *a humildade*. Ensina-no-la o apóstolo Pedro, discípulo perdoado, que chega a derramar o seu sangue no martírio, mas só depois de ter chorado humildemente os seus pecados (Lc 22, 56-62). Ele recorda-nos que cada Apóstolo – e cada Penitenciereiro – leva num vaso de barro o tesouro de graça que distribui, «para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não é nosso» (2 Cor 4, 7). Portanto, queridos irmãos, para sermos bons confessores, comecemos «nós mesmos, por nos fazer penitentes em busca do perdão» (Bula *Misericordiae Vultus*, 17), difundindo sob as imponentes abóbadas da Basílica Vaticana o perfume de uma oração humilde, que implora e suplica piedade.

Segundo: *a escuta* de todos, mas sobretudo dos jovens e dos mais pequenos. É o testemunho de Pedro pastor, que caminha no meio do seu rebanho e cresce na escuta do Espírito através da voz dos seus irmãos (Act 10, 34-48). Com efeito, escutar não é apenas ouvir o que as pessoas dizem, mas é, antes de mais, acolher as suas palavras como dom de Deus para a própria conversão, com docilidade, como o barro nas mãos do oleiro (cf. Is 64, 7). A este respeito, far-nos-á bem nunca esquecer que «Ouvindo deveras o irmão no diálogo sacramental, nós ouvimos o próprio Jesus, pobre e humilde; [...] tornamo-nos ouvintes da Palavra» (*Discurso aos participantes no Curso sobre o Foro íntimo organizado pela Penitenciaria Apostólica*, 9 de março de 2018), e que só assim podemos esperar oferecer-lhe o maior serviço: o de o pôr «em contacto com o próprio Jesus» (*ibid.*). Ouvir, não tanto perguntar. Não faças de psiquiatra, por favor: ouvir, ouvir sempre, com mansidão. E quando vires que há um penitente que começa a ter alguma dificuldade, porque tem vergonha, diz: “Compreendi”; não compreendi nada, mas compreendi. Deus compreendeu e isso é que é importante. Foi um grande Cardeal penitenciário que mo ensinou: “Compreendi”; o Senhor compreendeu. Mas, por favor, não faças de psiquiatra; quanto menos falares, melhor: escuta, consola e perdoa. Tu estás ali para perdoar!

Por fim, em terceiro lugar: *a misericórdia*. Como dispensadores do perdão de Deus, é importante ser “homens de misericórdia”, homens radiantes, generosos, prontos a compreender e a consolar, com palavras e atitudes. Também neste aspeto Pedro é um exemplo para nós, com os seus

discursos impregnados de perdão (cf. *At 3, 12-20*). O confessor – vaso de barro, como dissemos – só tem um remédio para derramar sobre as feridas dos seus irmãos: a misericórdia de Deus. Aqueles três aspetos de Deus: proximidade, misericórdia e compaixão. O confessor deve ser próximo, misericordioso e compassivo. Quando um confessor começa a perguntar... Não! Estás a fazer de psiquiatra; por favor, pára. Era o que ensinava São Leopoldo Mandić, que tanto gostava de repetir: «Porque havemos de humilhar ainda mais as almas que vêm prostrar-se aos nossos pés? Não estão já suficientemente humilhadas? Porventura, Jesus humilhou o publicano, a adúltera, Madalena?», e acrescentava: «Se o Senhor me censurar por eu ter usado de demasiada largueza, poderei dizer-lhe: “Padre bendito, fostes vós que, movido pela vossa divina caridade, me destes este mau exemplo, morrendo na cruz pelas almas”» (cf. Lorenzo da Fara, *Leopoldo Mandic. L'umanità la santità*, Velar, 1989). Que o Senhor nos dê a graça de poder repetir as mesmas palavras!

Já contei algumas vezes a história daquele Capuchinho que é confessor em Buenos Aires, porém não sei se já vo-la contei a vós. Fi-lo Cardeal, não desta vez, mas da outra. Tem 96 anos e continua a confessar; eu ia ter com ele, ele perdoa tudo! Uma vez veio dizer-me que tinha medo de perdoar demasiado. “E o que é que tu fazes?”, disse-lhe eu. “Vou ter com o Senhor: Senhor, perdoais-me? Desculpai-me, perdoei demasiado! Mas atenção, fostes Vós que me destes o mau exemplo!”. Perdoar sempre, tudo e sem perguntar muita coisa. E se eu não compreendo? Deus compreende; tu segue em frente! Que sintam a misericórdia.

Queridos irmãos, obrigado pelo vosso serviço, pela vossa assiduidade e paciência, pela vossa fidelidade! O meu confessor morreu há alguns meses; agora, vou confessar-me a vós, em São Pedro. Fazei bem! Obrigado por serdes, no coração da Igreja, ministros da presença sacramental de Deus-amor. Continuai o vosso ministério assim: na *humildade* – eu sou pior que tu –; na *escuta* e não tanto nas perguntas; e na *misericórdia*.

Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. E sempre que for ter convosco, perdoai-me, compreende-se...